

ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO: DELÍRIO, IMOVÊNCIA E HIPERINCLUSÃO EM CONSPIRAÇÕES NA WEB

DONDE HAY HUMO, HAY FUEGO: DELIRIO, INMOVILIDAD E HIPER-INCLUSIÓN EN LAS
CONSPIRACIONES WEB

WHERE THERE'S SMOKE, THERE'S FIRE: DELUSION, IMMOBILITY AND HIPERINCLUSION
IN CONSPIRATIONS ONLINE

Israel Vieira Pereira*

Universidade do Sul de Santa Catarina

RESUMO: Neste artigo, escrito sob a perspectiva teórica da análise de discurso pecheutiana (Orlandi, 2013, 2017), buscamos analisar teorias da conspiração a partir de seu funcionamento *online* entre sujeitos. Mobilizamos o conceito de estilo paranoico de fazer política proposto por Hofstadter (1964) para embasar a discussão sobre teorias conspiratórias. Na sequência, estabelecemos uma relação entre a paranoia conspiracionista e o funcionamento do delírio como pensado por Freud (2020) e Remo Bodei (2003). Delírio, conspirações e *web* são então ligados pelo conceito de hiperinclusão proposto por Bodei (2003), interpretado discursivamente neste trabalho enquanto marca de uma imovência de sentidos. Trata-se de um nível extremo de saturação, que, por sua vez, intensifica no sujeito a ilusão de individualidade, de autonomia e de literalidade. Concluímos, após análise de *corpus* sobre incêndios em 2019, que a *web* pode fomentar teorias conspiratórias ao incentivar a hiperinclusão no sujeito, prejudicando o debate público de ideias.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias da Conspiração. Discurso. Delírio.

RESUMEN: En este artículo, escrito desde la perspectiva teórica del análisis del discurso de línea francesa (Orlandi, 2013, 2017), buscamos analizar las teorías de la conspiración desde su funcionamiento online entre sujetos. Mobilizamos el concepto de estilo paranoico propuesto por Hofstadter (1964) para apoyar la discusión sobre las teorías de la conspiración. Establecemos una relación entre la paranoia conspirativa el funcionamiento del delirio tal como lo piensan Freud (2020) y Remo Bodei (2003). El delirio, la web y las conspiraciones están vinculados por el concepto de hiperinclusión propuesto por Bodei (2003), que se interpreta discursivamente en este trabajo como una marca de inmovilidad de significados. Es un nivel extremo de saturación, que a su vez intensifica la ilusión de individualidad, autonomía y literalidad. Concluimos que la web puede fomentar las teorías de la conspiración fomentando la hiperinclusión en el tema, perjudicando el debate público de ideas.

PALABRAS CLAVE: Teorías de conspiración. Discurso. Delirio.

* Mestre e Doutor em Texto e Discurso pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Pesquisador independente.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5295-2503>. E-mail: israelvpereira@hotmail.com.

ABSTRACT: In this article, written under the perspective of pecheutian discourse analysis (Orlandi, 2013, 2017), we aim to analyze conspiracy theories as practiced by subjects in the virtual world. We mobilize the concept of “paranoid style” by Hofstadter (1964) to base our discussion about conspiracy theories. Afterwards, we establish a relationship between the paranoid conspiracy and the inner workings of delusion as debated by Freud (2020) and Remo Bodei (2003). Delusions and conspiracy are linked by the concept of hyperinclusion proposed by Bodei (2003), which is discursively interpreted in this work as a mark of a immovability of meaning. In other words, as an extreme level of meaning saturation, that foments the illusion of individuality, autonomy and literacy in the subject. We conclude, after an analysis of a *corpus* related to fires in 2019, that the *web* can foment conspiracy theories by incentivizing hyperinclusion, which is harmful for public debate.

KEYWORDS: Conspiracy Theories. Discourse. Delusion.

1 INTRODUÇÃO

O que o boato mostra, no discurso social, disponível para a coletividade pública, é que “onde há fumaça há fogo”. Estamos assim lidando, na margem tênue entre o que se diz e o que não se diz, com aquilo que vem por tradição, o saber ancestral, proverbial: “todo boato tem um fundo de verdade”. (Orlandi, 2012b, p. 142)

Neste artigo, procuramos situar a noção de hiperinclusão, pensada a partir da reflexão sobre o delírio psicanalítico na obra do filósofo italiano Remo Bodei, em análise de discurso, para debater o funcionamento de teorias da conspiração entre sujeitos situados na *internet*. Para definir teorias conspiratórias, partiremos do conceito de ‘estilo paranoico de fazer política’ (Hofstadter, 1964), que nos permite estabelecer uma ponte entre a paranoia conspiracionista, a política, a língua e o delírio. Freud (2020, p. 93) classifica paranoia enquanto delírio crônico, situação em que o sujeito chega aos extremos “em matéria de absurdos engenhosamente tecidos e bem sustentados”, amarrando e inter-relacionando diferentes sentidos até então não relacionados, em fenômeno que será interpretado como hiperinclusão.

Ao longo do trabalho, discutiremos também como a *web* se torna condição de produção de teorias conspiratórias ao estimular essa hiperinclusão delirante. Para tanto, firmaremos o debate a partir do crítico Evgeny Morozov (2021), que estabelece a conexão entre delírio, hiperinclusão e *internet*, e da perspectiva discursiva de Orlandi (2012a, 2012b, 2017), que nos ajuda a entender como os sentidos se formam e se mostram evidentes para o sujeito, discutindo ainda como a *internet* satura os sentidos e cria uma falsa sensação de completude e estabilidade. Por fim, faremos uma breve análise de um *corpus* relacionado a incêndios ocorridos em 2019, que ressoariam em discursos negacionistas e conspiracionistas sobre os incêndios na Floresta Amazônica tempos depois. Antes de tudo, gostaríamos de justificar este trabalho e situá-lo no contínuo debate sobre a ‘pós-verdade’.

Desde sua eleição como palavra do ano pelo dicionário Oxford em 2016, o termo ‘pós-verdade’ atua na base da discussão sobre diferentes acontecimentos e tipos de texto. O *Brexit*, as eleições de Trump e Bolsonaro, o avanço de diferentes movimentos populistas e, sobretudo, as *fake news* se tornaram fontes de intensos debates sobre desinformação, extremismo e negacionismo, fazendo ressoar a palavra ‘pós-verdade’ enquanto marcador de um tempo marcado por ironia, descrédito de instituições consolidadas e rejeição de tudo que contraria crenças e sentimentos dos sujeitos, especialmente por meio da *internet* (Siebert; Pereira, 2020a).

Alguns acontecimentos contemporâneos, porém, vêm trazendo atenção para um tipo de texto relevante, ainda que pouco discutido academicamente. Trata-se das ‘teorias da conspiração’. O termo é mobilizado nos meios de comunicação para significar momentos graves de nossa história recente, como a invasão do Capitólio dos Estados Unidos por seguidores da teoria *QAnon* (Mars, 2021); o movimento antivacina, que dificulta a imunização contra o COVID-19 (Madeiro, 2020); as teorias negacionistas em relação ao coronavírus, que dificultaram as estratégias de combate à doença e provocaram mortes (Calil, 2021); e acusações falsas de ONGs incendiando a Floresta Amazônica como modo de explicar o aumento das queimadas na região (Cunha, 2019).

Observando tais acontecimentos, concordaremos de forma preliminar com a definição teórica de teoria da conspiração trazida pelo pesquisador Cass Sunstein (2014, p. 28): “[...] an effort to explain some event or practice by referring to the secret machinations of powerful people who have also managed to conceal their role”¹. Os eventos que teorias da conspiração buscam explicar são, ao mesmo tempo, significativos, polêmicos e políticos, pois envolvem necessariamente um embate por poder através da disputa pela narrativa dos acontecimentos históricos. Debateremos adiante como essa disputa se dá, mas convém mencionar aqui as características que diferenciam teorias da conspiração de outros modelos narrativos: “The prototypical conspiracy theory is an unanswered question; it assumes nothing is as it seems; it portrays the conspirators as praternaturally competent; and as unusually evil; it is founded on anomaly hunting; and it is ultimately irrefutable” (Brotherton, 2015, p. 97)². As reflexões trazidas pelos autores convergem em um mesmo ponto: teorias da conspiração dizem respeito a supostos segredos por trás de grandes eventos que, se revelados, causariam uma reviravolta nas estruturas do poder.

O grupo de pesquisa COMPACT, fundado em 2016, reforça a presença de teorias conspiratórias na contemporaneidade — que justificariam terrorismos, nacionalismos e extremismos — e destaca a falta internacional de trabalhos sobre o tema.

Conspiracy theories play an increasingly visible role in contemporary European culture and the public domain of politics. Notwithstanding moral debates about their effects on knowledge, democracy and mental health, there has been little systematic research on where they come from, how they work and what, if anything, should be done about them (Compact, 2017)³.

Sendo assim, diremos que este trabalho encontra justificativa na promoção do debate sobre teorias conspiratórias, dada a relevância do tema para os debates atuais no campo da pós-verdade. Situamos nossa discussão no campo da análise de discurso, teoria elaborada por Michel Pêcheux em 1969 que integra elementos do materialismo sócio-histórico-dialético, da psicanálise e da linguística. Essa escolha se dá pelo olhar atento que a teoria lança aos aspectos políticos e ideológicos do sentido, elementos presentes no material que analisaremos. Para a análise de discurso, as relações de linguagem “[...] são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2013, p. 21). O procedimento de análise busca explicitar e discutir três aspectos do sentido (Orlandi, 2012b, p. 9):

1. Sua constituição a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas; e
3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições.

O estudo dessas características não nos leva a compreender um suposto sentido *real* e *evidente* das palavras, necessariamente. Como veremos, o sentido é um efeito que se produz na construção imaginária do objeto nomeado a partir de uma posição situada sócio-historicamente. Em nosso caso, tomamos como objeto teorias da conspiração, buscando analisar os efeitos que elas produzem a partir da saturação de sentidos mediante a hiperinclusão na *internet*. Começamos nossa discussão com uma definição inicial de teoria conspiratória a partir do trabalho de Hofstadter (1964).

¹ Em tradução livre: um esforço para explicar um evento ou ação ao relacioná-los a maquinações realizadas secretamente por pessoas poderosas.

² Em tradução livre: A teoria conspiratória prototípica é uma pergunta sem resposta; ela assume que nada é o que parece ser; ela apresenta os conspiradores como figuras muito competentes e incrivelmente más; ela é baseada em uma caça a anomalias; e é, no fim das contas, irrefutável.

³ Em tradução livre: Teorias da conspiração têm um papel cada vez mais proeminente na cultura europeia contemporânea e no debate político público. Independentemente de discussões morais sobre como afetam o conhecimento, a democracia e a saúde mental, há pouca pesquisa sistemática em relação à origem delas, ao funcionamento e ao que se deve fazer com elas (se possível).

2 TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

Teorias conspiratórias contemporâneas estão intimamente ligadas ao surgimento da pós-verdade. De acordo com Dunker (2017), o ataque de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas é o momento de nascimento da pós-verdade. É a partir desse momento que “[...] a flutuação benévola da verdade passou a ser tolerada na pauta dos costumes, e sua separação com relação às políticas de Estado e às determinações econômicas foi resolvida “na prática” e de forma seletiva” (Dunker, 2017, p. 17).

Segundo o especialista em teorias da conspiração Mark Fenster (2008), o pós-11 de setembro causa uma mudança significativa na imagem que teóricos da conspiração têm de si e de suas conjecturas. Incomodados com erros e dúvidas geradas pela investigação oficial do 11 de setembro, os teóricos da conspiração passam a assumir abertamente que fazem teorias da conspiração, afirmando que se os Estados Unidos foram construídos a partir delas e “[...] survived because of them, then the collective actions of 9/11 conspiracy theorists are perfectly legitimate”⁴ (Fenster, 2008, p. 242). É a partir desse ponto que teorias da conspiração passam a conquistar legitimidade perante um público gradativamente mais insatisfeito com a política tradicional, em efeito que ressoaria em outros pontos do mundo, ajudando a constituir novos modelos de política populista e autoritária (Da Empoli, 2020). Como, porém, devemos entender teorias da conspiração e qual o papel político e ideológico delas? O que seu funcionamento nos conta sobre a interpretação dos sujeitos na contemporaneidade, onde elas ganham força? Para discutir isso, mobilizaremos o ensaio de Richard Hofstadter (1964) sobre o estilo paranoico de fazer política, um dos primeiros textos a tratar teoricamente sobre teorias da conspiração.

Em 1964, a situação política dos Estados Unidos estava bastante tensa. No ano anterior, John Kennedy fora assassinado, em um acontecimento que suscitou, por si só, várias teorias conspiratórias. Seu sucessor, Lyndon Johnson, um Democrata, disputava a reeleição contra Barry Goldwater, Republicano de extrema-direita contrário ao *Civil Rights Act*, um marco para a criminalização de preconceitos de qualquer espécie nos Estados Unidos.

É na tentativa de compreender as acusações conspiratórias e a retórica extremista vigente na época da eleição — que popularizaram Goldwater ao ponto de ele conseguir concorrer ao cargo de presidente, não obstante — que Hofstadter (1964) se propõe a investigar o que chama de ‘estilo paranoico’ de fazer e pensar a política norte-americana. Em relação ao termo ‘paranoico’, Hofstadter (1964) salienta que não se deve tomá-lo em sentido clínico ou patológico. O autor busca significar a paranoia em seu trabalho como característica de um modelo de discussão conspiracionista baseado em “exageros, desconfianças e fantasias conspiratórias”. Tal conspiracionismo é dotado de um determinado estilo, que, para o autor, “[...] has more to do with the way in which ideas are believed than with the truth or falsity of their content”⁵ (Hofstadter, 1964). Ainda, o estilo paranoico se torna preocupante na medida em que passa a fazer parte da retórica cotidiana, sinal de que os extremismos estão na ordem do dia.

Hofstadter (1964) apresenta vários exemplos de discussões que seriam representativas do estilo paranoico de se fazer política. Entre os exemplos, estão os debates sobre o poder da Maçonaria e dos Illuminati, grupos anticatólicos cuja presença em órgãos de governo, especialmente nos relacionados à polícia, serviria para ocultar diversas práticas criminosas perpetradas contra o povo comum; e especulações sobre atividades dos jesuítas, grupos católicos que estariam se infiltrando nos Estados Unidos a mando de autoridades austríacas para colocar o país sob o controle de integrantes da Casa de Habsburgo. A ideia de aparelhamento da máquina pública ou de agentes inimigos infiltrados surge como uma constante.

Com os meios de comunicação se tornando mais acessíveis e evoluindo tecnicamente, o discurso paranoico ganha mais força ao trazer ao conhecimento do público figuras até então desconhecidas, o que dá ao orador paranoico a oportunidade de aumentar seu leque de responsáveis por tragédias e infortúnios diversos, nomeando-os individualmente ou alegando que todos fazem parte de uma grande maquinação golpista. Nas palavras do autor:

⁴ Em tradução livre: [e se os Estados Unidos] sobreviveram por causa delas, então as ações coletivas de teóricos da conspiração sobre o 11 de setembro são perfeitamente legítimas.

⁵ Em tradução livre: [...] tem mais a ver com a maneira como se acredita em uma ideia do que a veracidade ou falsidade de seu conteúdo.

For the vaguely delineated villains of the anti-Masons, for the obscure and disguised Jesuit agents, the little-known papal delegates of the anti-Catholics, for the shadowy international bankers of the monetary conspiracies, we may now substitute eminent public figures like Presidents Roosevelt, Truman, and Eisenhower, secretaries of State like Marshall, Acheson, and Dulles, Justices of the Supreme Court like Frankfurter and Warren, and the whole battery of lesser but still famous and vivid alleged conspirators headed by Alger Hiss (Hofstadter, 1964).⁶

Indivíduos, grupos específicos e acontecimentos diversos são interligados, alimentando o extremismo político ao construir uma rede interminável de “agentes do mal” a serem combatidos, o que fortalece a ideia de que se deve agir imediata e taxativamente para eliminar o inimigo, sem qualquer possibilidade de diálogo ou de interação amistosa.

He [the paranoid] does not see social conflict as something to be mediated and compromised, in the manner of the working politician. Since what is at stake is always a conflict between absolute good and absolute evil, what is necessary is not compromise but the will to fight things out to a finish. Since the enemy is thought of as being totally evil and totally unappeasable, he must be totally eliminated – if not from the world, at least from the theatre of operations to which the paranoid directs his attention. This demand for total triumph leads to the formulation of hopelessly unrealistic goals, and since these goals are not even remotely attainable, failure constantly heightens the paranoid's sense of frustration. (Hofstadter, 1964)⁷

Como a vitória sobre o inimigo escolhido nunca é completa, a narrativa nunca encontra fim. Há sempre um inimigo oculto ou um agente infiltrado que sabota os esforços das pessoas “de bem”, um acontecimento novo que vem se juntar para manter a narrativa conspiratória viva e os teóricos da conspiração mobilizados politicamente. Tudo se resume a uma grande batalha entre um bem idealizado e um mal idealizado. Na nossa leitura, o leitor de teorias da conspiração seria a versão extremada daquele sujeito pragmático descrito por Pêcheux (2015 [1983]), que olha o mundo de maneira perigosamente maniqueísta, como se só existissem dois sentidos, um certo (o dele próprio) e o errado (o dos outros). Nas palavras de Pêcheux (2015 [1983], p. 34): “[...] essa necessidade universal de um “mundo semanticamente normal”, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (e antes de tudo com a distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e excremento)”.

Hofstadter (1964) conclui seu ensaio apontando as condições em que o estilo paranoico, normalmente relegado a certos grupos minoritários, tende a ganhar força no discurso político: “[...] certain religious traditions, certain social structures and national inheritances, certain historical catastrophes or frustrations may be conducive to the release of such psychic energies, and to situations in which they can more readily be built into mass movements or political parties.” (Hofstadter, 1964).⁸

Em outras palavras, o estilo paranoico ressoa como resposta aos momentos de ruptura e conflito, servindo também para consolidar certos sentidos ao fixá-los em uma tradição ou estrutura social. Independentemente do caso, esses novos sentidos estabilizados dão origem a movimentos e ações políticas por vezes baseados em maniqueísmos extremistas. Uma das principais características desse estilo paranoico é a saturação de sentidos através de agrupamentos de ditas “evidências” pelos teóricos da conspiração. Antes de

⁶ Em tradução livre: Os vilões vagamente descritos pelos contrários à Maçonaria, os obscuros e disfarçados agentes jesuítas, os pouco conhecidos delegados papais dos anticatólicos, os misteriosos banqueiros internacionais em conspirações monetárias: todos podem ser substituídos por figuras públicas famosas, como os Presidentes Roosevelt, Truman e Eisenhower; secretários de Estado como Marshall, Acheson e Dulles; membros da Suprema Corte, como Frankfurter e Warren; e toda uma série de agentes menores, porém famosos, como é o caso de Alger Hiss.

⁷ Em tradução livre: Ele [o paranoico] não vê conflitos sociais como algo que deveria ser mediado e trabalhado, ao modo de um bom agente político. Já que o que está em jogo é o conflito entre o bem e o mal absolutos, importa menos o consenso que a vontade de lutar até o final. Já que o inimigo é alguém completamente mal, com uma fome insaciável por poder, ele deve ser eliminado por inteiro – se não do mundo, pelo menos do teatro de operações que é o alvo da atenção do paranoico. Essa demanda pelo triunfo completo leva à formulação de metas inatingíveis. Tendo em vista que as metas não são atingíveis, a falha tende a deixar o paranoico gradativamente mais frustrado.

⁸ Em tradução livre: [...] certas tradições religiosas, estruturas sociais e nacionais, catástrofes históricas e frustrações sociais podem levar à liberação dessas energias psíquicas e a situações que as conduzem ao seio de movimentos de massa e partidos políticos.

falarmos disso, é necessário tratarmos do funcionamento da língua para explicar como ela afeta e é afetada por esses mecanismos descritos por Hofstadter (1964).

3 UM INTERLÚDIO DISCURSIVO: SUJEITO, INDIVIDUAÇÃO E RUPTURA

Em nossa discussão, mencionamos que o leitor de teorias da conspiração é como uma versão extremada do sujeito pragmático de que falava Pêcheux (2015 [1983]) em *Estrutura ou acontecimento*. Em análise de discurso, a noção de sujeito detém especificidade teórica.

Procurando distanciar a discussão sobre a semântica de um aspecto puramente formal, que não daria conta de explicar a formação dos sentidos, Pêcheux (1997 [1969]) elabora a noção de imaginário discursivo, colocando em pauta a noção de sujeito dentro da análise de discurso. O princípio da subjetividade estaria na projeção que cada um faz de si, do outro e do lugar que cada um ocupa no ato da interpretação e da enunciação.

Nossa hipótese é a de que esses lugares [de A e de B] estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, presente, mas transformado; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). (Pêcheux, 1997 [1969], p. 82)

Dito de outro modo, os sentidos (e os sujeitos) não estão diretamente ligados a objetos reais, mas a imagens que se constituem nos sujeitos a partir das posições que ocupam em diferentes condições de produção – como explica Orlandi (2013), os contextos imediato (o lugar em que a pessoa está) e histórico (as memórias mobilizadas no e pelo discurso). Como destaca Orlandi (2012b, p. 99), “[...] o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso”. Sentidos e subjetividade, portanto, se constroem mutuamente; a língua e o discurso atuam no entremeio dessa construção, materializando-a.

A releitura pecheutiana de Althusser, Freud e Foucault traz novos elementos a essa discussão. Passa-se a entender, antes de tudo, que o sujeito é interpelado, em seu inconsciente, pelos discursos e pela ideologia, numa relação em que ele se encontra “[...] descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (Orlandi, 2013, p. 20). A ideologia e as condições de produção proporcionam a evidência do sentido, criando a ilusão de que os significados são transparentes, óbvios e únicos. Ilusão esta tomada como necessária, pois dá algum nível de regularidade a um mundo sabidamente caótico e irregular.

Considerada a necessidade dessa ilusão, detém poder político quem detém poder simbólico, uma vez que o Estado atua como um dos “pplos privilegiados de resposta a esta necessidade ou a essa demanda” (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 34) por um mundo de sentidos estáveis e controlados, ou ainda, como gestor dos valores atribuídos a cada posição-sujeito em sociedade. No funcionamento particular do capitalismo, esse gerenciamento dos sentidos e dos sujeitos se dá através da individuação. Conforme Orlandi (2017, p. 308): “O Estado rege e organiza, desse modo, a sociedade pelo indivíduo, ou seja, pelo que tenho tratado como *sujeito individuado*. Nesse processo, que é político-social, ele divide o sujeito, os sujeitos, e os sentidos (arte/vandalismo). O Estado, sustentando-se no jurídico, gere a partição social”.

O funcionamento dos processos de individuação pode ser exemplificado na emissão da cédula de identidade no Brasil, um código numérico irrepetível que reforçaria no sujeito, consoante a outros processos, a ilusão de que ele é único, autônomo, independente, responsável pelas próprias ações. Apesar de tudo, o processo de individuação não é bem-sucedido o tempo todo. Isso porque a ideologia “[...] é um ritual com falhas e [...] a língua não funciona fechada sobre si mesma, ela abre para o equívoco” (Orlandi, 2012b,

p. 103). Nenhuma estabilidade é duradoura, pois sentido e sujeito se constituem de maneira heterogênea (Authier-Revuz, 1990). Em outras palavras, o sujeito é atravessado por diferentes vozes, posições e textos ao longo de sua vida. Por mais que o sujeito se ache plenamente centrado em sua individuação, “preso a sua ilusão de autonomia ideologicamente construída” (Orlandi, 2012b, p. 104), há, na história, os acontecimentos e as rupturas que desestabilizam esse processo e abrem caminho para a irrupção de sentidos outros, articulando a relação entre a estrutura da linguagem e o real do acontecimento histórico. “Algo do mundo tem de ressoar no ‘teatro da consciência’ do sujeito para que faça sentido” (Orlandi, 2012b, p. 102). Uma ruptura sócio-histórica – como o 11 de setembro, a morte de JFK, a pandemia do COVID-19 e os incêndios – provocam a falha, resgatando esses sentidos dispostos no teatro heterodiscursivo da consciência.

Na conjuntura histórica do neocapitalismo e sob a ideologia da mundialização, a segregação como forma de relação e a falha do Estado em sua função de articulador simbólico-político, têm possibilitado condições de produção específicas que produzem, nos furos da ideologia, também *formas de resistência* que têm sua materialidade, sua historicidade de tal modo que não podemos pensá-las apartadas dessas condições que as produzem. (Orlandi, 2012a, p. 233)

A resistência aqui é pensada como enfrentamento à individuação, possibilitando a emergência de novos sentidos. Cabe lembrar aqui que Hofstadter (1964) apontou que os momentos de ruptura e conflito e a tentativa de estabelecer grupos políticos e tradições são condições de produção importantes em teorias conspiratórias. Ou seja, há nelas uma tentativa de acertar o mundo na sua bipartição entre certo e errado, simplificando-o com seus inimigos imaginários e previsões apocalípticas referentes a quaisquer mudanças políticas e sociais (rupturas). Ou ainda, elas buscam manter um processo de individuação em curso, como que “blindando” o sujeito aos efeitos de qualquer ruptura possível.

Há então na teoria conspiratória um tipo diferente de resistência. Uma resistência que não é esta do sujeito contra a individuação ou os sentidos únicos, mas a do indivíduo à dispersão dos sentidos. Para não nos confundirmos com o conceito tradicional de resistência em análise de discurso, poderíamos chamar essa reação do indivíduo à heterogeneidade dos sentidos, pós-ruptura ou não, de uma ‘imovência’. Na imovência, tenta-se controlar ou impossibilitar a fuga dos sentidos através de sua saturação ou interconexão forçada – em um movimento característico de teorias da conspiração, nas quais, segundo Hofstadter (1964), há um vício em coletar e interligar supostas evidências dos complôs.

Ainda de acordo com Hofstadter (1964), aquele preso no estilo paranoico das teorias da conspiração não consegue pensar adequadamente sobre o poder e a política. Ele apenas vê consequências e reage a elas. Nesse sentido, ele é “[...] a double sufferer, since he is afflicted not only by the real world, with the rest of us, but by his fantasies as well”⁹ (Hofstadter, 1964). Ele se prende às próprias ilusões (subjettivas) para não ter que enfrentar um mundo que, em constante transformação, lhe parece caótico. E é precisamente nessa relação entre a ilusão de controle, o sofrimento psíquico causado por ela e o acontecimento do mundo real que podemos situar o delírio.

Os sintomas do delírio – tanto fantasias como atos – são precisamente resultados de um compromisso entre as duas correntes psíquicas [o consciente e o inconsciente], e num compromisso são levadas em conta as exigências dos dois lados; cada um deles, contudo, tem de renunciar a uma parte daquilo que desejava obter. [...] Ataque e resistência se renovam após cada formação de compromisso, que jamais, por assim dizer, é inteiramente satisfatória. (Freud, 2020, p. 70-71)

Na seção seguinte, falaremos do delírio como forma de reação ao indesejado, explicitando como ele afeta o sujeito e como se manifesta linguisticamente.

4 DO DELÍRIO À HIPERINCLUSÃO

⁹ Em tradução livre: “[...] o paranoico sofre em dobro, visto que, além de ser afligido pelo mundo real como todos nós, ele também é afetado pelas próprias fantasias”.

Como vimos no início deste artigo, paranoia (ainda que em sentido clínico/psicanalítico) e delírio estão interligados. De acordo com Freud (1895 *apud* Roudinesco; Plon, 1998, p. 573), a paranoia é uma forma patológica de defesa, e “[...] as pessoas tornam-se paranoicas por não conseguirem tolerar algumas coisas – desde que, naturalmente, seu psiquismo esteja predisposto a tanto”. Apesar de não tratarmos o estilo paranoico como um problema clínico ou puramente psicanalítico, a definição inicial de paranoia em Freud reforça alguns aspectos da já mencionada imovência. Em alguns sujeitos, e em certas condições de produção, pode haver uma intensa vontade de criar, manter e alimentar uma ilusão de mundo onde todas as coisas permanecem estáveis. Veremos adiante como essa vontade se manifesta textual e discursivamente.

Em termos clínicos, a definição de delírio também remete a uma negação de uma realidade que não parece satisfazer as expectativas do sujeito que a vive e a interpreta. Nas palavras de Lerner e Pardo (2001, on-line), nos critérios da psicologia clínica

[...] la fuente del delirio es la ansiedad debida a ciertos estímulos que pasan a transformarse en objeto de ideas paranoides. Bajo una intensa pulsión, la generalización de estos impulsos se hace cada vez mayor generando una espiral de estímulos y ansiedad que puede llegar a la desorganización perceptual. Son numerosos los autores que piensan que, para que el delirio ocurra, hacen falta, como para toda enfermedad, condiciones necesarias, concurrentes y desencadenantes.¹⁰

Na abordagem linguística que Lerner e Pardo (2001) fazem do delírio, o discurso delirante é monológico¹¹, rígido, quicá impenetrável, e apesar de parecer coerente (no nível da formulação e até da concatenação de ideias), não conduz a lugar algum porque suas premissas e conclusões não são asseveráveis. Isso tornaria “[...] imposible la comunicación tal como la entendemos habitualmente”¹² (Lerner; Pardo, 2001, on-line).

De certa maneira, discordamos em partes da noção de que o delírio torna a comunicação impossível. Em sua forma extremada, o delírio é marca discursiva de certos modelos de comunicação de massa presentes na *internet*. E, como defendemos anteriormente e veremos adiante em Bodei (2003), algum nível de ilusão e delírio é constitutivo de nossa língua e de nossa subjetividade, pois temos uma necessidade pragmática de sentidos minimamente estabilizados. O problema maior está nessa imovência provocada por formas avançadas de delírio, saturando os sentidos para evitar desconfortos, rupturas e insatisfações. Delírio, enfim, tornado traço da pós-verdade.

Para realizarmos a relação entre esse delírio extremado (pós-verdadeiro), imovência, discurso, teorias da conspiração e *internet*, partiremos de um dos textos inaugurais de Freud em torno do delírio: *O delírio e os sonhos na Gradiva*, publicado em 1907. Nesse ensaio, Freud empreende um esforço de análise psicanalítica da *Gradiva* de Wilhelm Jensen, uma novela publicada em 1902. Demonstrando que a literatura é terreno fértil para discussões sobre a psique humana, Freud comenta a trajetória delirante do arqueólogo Norbert Hanold, obcecado por um baixo-relevo de uma mulher chamada Gradiva. Após sonhar diversas vezes com a Gradiva, Hanold acredita tê-la visto viva em Pompeia e passa a procurá-la, associando todos os acontecimentos ao seu redor à figura da desejada mulher do passado.

A realidade, para Hanold, “[...] se ajusta ao seu delírio e faz com que ele o revele em toda a amplitude, sem jamais contradizê-lo” (Freud, 2020, p. 33). No delírio, há o primado da não-contradição, produzindo um mundo simbólico onde não há ruptura ou falha. Aqui, não se trata tanto de um problema cognitivo ou pragmático, mas de uma questão fortemente emocional e subjetiva.

Nas palavras de Freud (2020, p. 92):

¹⁰ Em tradução livre: [...] a fonte do delírio é a ansiedade decorrente de certos estímulos que se transformam em objeto de ideias paranoicas. Sob uma intensa pulsão, a generalização desses impulsos se faz cada vez maior, gerando uma espiral de estímulos e ansiedade que pode chegar à desorganização perceptual. Inúmeros são os autores que pensam que, para que o delírio ocorra, façam necessárias determinadas condições concorrentes e desencadeantes.

¹¹ Em termos bakhtinianos, sobre os quais não comentaremos neste trabalho por querermos enfatizar a análise de discurso de linha francesa.

¹² Em tradução livre: [...] impossível a comunicação como comumente a entendemos.

O mais importante dos elementos explicadores e escusatórios, porém, continua sendo a facilidade com que nosso intelecto resolve aceitar algo absurdo, quando impulsos fortemente emocionais nisso encontram satisfação. É algo espantoso, e normalmente negligenciado, a presteza e frequência com que, em tais constelações psicológicas, mesmo pessoas de inteligência viva reagem como se fossem, em alguma medida, débeis mentais; e quem não for muito presunçoso poderá observar isso à vontade em si mesmo. Sobretudo quando uma parte dos processos psíquicos em questão se acha vinculada a motivos inconscientes ou reprimidos!

Cabe notar que, ainda segundo Freud (2020), o delírio contém pelo menos algum elemento de verdade, por menor que seja. A partir desse elemento de verdade, o sujeito cria redes de significação com coisas alheias e difusas a esse ponto inicial, constituindo um todo delirante. Há nisso algo do funcionamento do boato, como pensado por Orlandi (2012b, p. 142), que pressupõe, como no dito popular, que “onde há fumaça, há fogo”. Deve haver algum acontecimento ou elemento externo que justifique o delírio. Algo deve falar antes como pré-construído, portanto.

Compreendemos que nenhum acontecimento ou objeto verdadeiro, empiricamente falando, é destituído de sentido. Como bem explica Pêcheux (2015 [1983]), em sua análise das notícias sobre a vitória de Mitterrand na França, uma mesma referência (*Bedeutung*, resgatando aqui a terminologia fregeana) pode e vai ser significada (*Sinn*) de maneiras distintas. A forma de interpretar e contar algo é tão importante quanto esse mesmo algo. É por isso que interpretamos esse ‘elemento de verdade’ citado por Freud como um ‘elemento de verdade tal como percebido pelo sujeito’. Delírio e paranoia conspiracionista se entrecruzam. A conspiração, nos lembra Hofstadter (1964), tem mais a ver com uma maneira específica de construção de crença do que com uma crença em si.

Ademais, por ocorrer linguisticamente, todo delírio detém um elemento de construção sócio-histórica. Não é um problema individual: é algo coletivo, trazendo sentidos dispostos em sociedade e afetando a relação do sujeito com sua exterioridade e com o outro. Retomando nossa discussão sobre o sujeito individuado – pragmático, que preza pela não contradição e pela estabilidade dos sentidos –, poderíamos até dizer que todos os sujeitos, em maior ou menor grau, demonstram algum grau de delírio na forma como articulam memória, língua e história. Dito isso, concordamos com a leitura feita pelo filósofo italiano Remo Bodei quando ele destaca que analisar os delírios, tanto os individuais quanto os coletivos, é importante para compreender como nós produzimos sentido. Nas palavras do autor:

A passagem das paixões e das ideologias, que podemos definir como os delírios coletivos, para os delírios de caráter individual tem [...] o sentido de uma espécie de benefício ao nosso modo de viver e de pensar: não mais se contrapõe a razão ao irracionalismo, mesmo exaltando o irracional, as paixões, os delírios, mas evita-se um tipo de racionalidade por assim dizer fechada e que se presume auto-suficiente, que considera os delírios, os sonhos e outros fenômenos totalmente sem sentido. Penso, ao contrário, que os delírios [...] tenham um sentido próprio e que sirvam para aumentar e articular o nosso conhecimento do mundo. (Bodei, 2003, p. 8)

O delírio, portanto, não é pura irracionalidade ou falha de comunicação: ele tem seus motivos, e estudar sua lógica é uma maneira de abordar aspectos muito particulares do funcionamento da interpretação subjetiva do mundo. Para o filósofo italiano, o delírio se manifesta especialmente nos momentos de crise. O delirante “[...] viu desabar um mundo ao seu redor e certamente não se sente bem apenas expulso dele. Por isso obriga-se a procurar um substituto, um sub-rogado. Quando a vida se torna invivível, deve-se inventar uma vida nova” (Bodei, 2003, p. 11). Vida nova, desde que resguarde as características do mundo amado que se desfaz. O sujeito fica preso numa injunção à estabilização, onde “[...] ao invés de se fazer um lugar para fazer sentido, ele é pego pelos lugares (dizeres) já estabelecidos, num imaginário em que sua memória não reverbera. Estaciona. Só repete” (ORLANDI, 2013, p. 54). Repetição, porém, que não é apenas parafrástica, pois pode retrabalhar acontecimentos, textos e memórias distintos, em uma ressonância discursiva em que o diferente e o singular são enredados em uma mesma matriz de sentido. Esse funcionamento ressoa o que Bodei (2003) vai chamar de ‘hiperinclusão’. Nela, que é uma característica do delírio para o autor italiano, todos os sentidos apontam para uma única coisa, num processo contraditório em que se misturam a heterogeneidade de sentidos e algo do monologismo apontado por Lerner e Pardo (2001).

O sujeito delirante possui um *horror vacui*, um temor exacerbado à falta de sentido. Ele precisa preencher todas as lacunas, amarrar todas as pontas, locupletar a interpretação, numa hiperatividade de nossa ilusão subjetiva de que conhecer é ter controle sobre as coisas. Nas palavras de Bodei (2003, p. 106):

O sujeito delirante “hiperinclui” quando, na sua vontade de entender, chama e reúne elementos dispersos em constelações de sentido por meio das quais orientar-se. Ou – e em parte é a mesma coisa – raciocina segundo critérios muito concretos quando evidencia aspectos que, para ele, possuem um valor especial (ao passo que adquirem para o intérprete a função de indícios, por meio dos quais poderá reconstituir os campos gravitacionais responsáveis pela atração do heterogêneo).

Em outras palavras, poderíamos definir a hiperinclusão como a criação de relações lá onde elas não existem. A reunião de fatos, acontecimentos, objetos e sentidos díspares forma um todo que cria no sujeito a ilusão de uma interpretação completa, impedindo que outros sentidos venham contestá-la. E é nesse ponto em que o modo de funcionamento hiperinclusivo do delírio – tendo em vista nossas digressões discursivas sobre os processos de individuação, a vontade por estabilidade e o reacionarismo diante de rupturas e progressos – e o estilo das teorias conspiratórias se cruzam. Segundo Hofstadter (1964), teóricos da conspiração possuem uma fixação em acumular “evidências”, alegando que todo e qualquer acontecimento está ligado ao objeto por eles comentado. Esse acúmulo de evidências tem como objetivo proteger as convicções do teórico da conspiração do mundo ao seu redor e nos remete diretamente ao funcionamento do delírio enquanto ferramenta de (re)estabilização de sentidos fragilizados através da hiperinclusão. Em outras palavras, imovência: uma resistência à resistência, a renovações e ao inesperado. O que separa uma ilusão “saudável” de estabilidade e a imovência é essa característica de hiperinclusão que define o delírio.

Por sua vez, a hiperinclusão é fomentada na contemporaneidade pelo funcionamento da *internet*. Quem o aponta é o crítico de internet Evgeny Morozov (2020), em reflexão que elaboraremos com a ajuda da crítica ao discurso no digital, feita por Orlandi (2017), na seção seguinte.

5 HIPERINCLUSÃO, INTERNET E ESTABILIZAÇÃO DOS SENTIDOS

Defendemos ao longo deste trabalho que há no sujeito uma injunção pragmática à estabilização do mundo. Ainda que necessária, tal injunção pode resultar, em seu extremo, em teorias conspiratórias que dificultam o exercício da democracia e trazem danos reais às vidas das pessoas. Essas teorias surgem em momentos de ruptura e em movimentos extremistas e reacionários. Interpretamos que o funcionamento delas está atrelado ao conceito de delírio, um sistema de defesa subjetivo às mudanças que ocorrem no mundo ao redor do sujeito. Por sua vez, o delírio se materializa em forma de hiperinclusão, que imobiliza os sentidos ao saturá-los. Nesta seção, veremos como a *internet* estimula a hiperinclusão, promovendo um ambiente favorável à criação e circulação de teorias conspiratórias.

De acordo com Evgeny Morozov (2020), a filosofia do Vale do Silício, o maior polo de tecnologia do mundo (concentrando empresas como *Google*, *Facebook*, *Twitter*, *Uber*, dentre outras), envolve enxergar o mundo de maneira unicamente algorítmica. Para o autor, essa filosofia pode ser caracterizada da seguinte forma: “[...] se ainda não conseguimos estabelecer a ligação entre dois dados é porque não procuramos o suficiente – ou, então, porque precisamos de um terceiro dado, a ser coletado no futuro, de modo que tudo acabe fazendo sentido” (Morozov, 2020, p. 38).

Essa filosofia, que caracteriza as condições de produção do discurso digital, remete, para Morozov (2020, p. 38), diretamente ao delírio, que faz com que o sujeito não consiga “deixar de ver coerência entre fenômenos intrinsecamente incoerentes”. Para o sujeito não delirante, a falta, a falha e as lacunas de sentido são importantes. Han (2019) destaca que o pensamento aritmético do digital provoca a ilusão de que estamos salvos de quaisquer rupturas, acontecimentos ou surpresas a troco de um esgotamento paralisante com o mundo e com as informações.

Nas palavras do autor:

Frequentemente, menos informação gera mais. A negatividade do deixar de fora e do esquecer é produtiva. Mais informação e comunicação não esclarecem o mundo por si mesmo. A transparência não torna também [por si mesma nada] clarividente. A massa de informação não produz por si mesma nenhuma verdade. Ela não traz nenhuma luz à escuridão. Quanto mais informação é liberada, mais o mundo se torna não abrangível, fantasmagórico. A partir de um determinado ponto, a informação não é mais informativa, mas sim deformadora, e a comunicação não é mais comunicativa, mas sim cumulativa. (Han, 2019, p. 106)

O sujeito no digital é, portanto, um sujeito distanciado da heterogeneidade discursiva que o cerca. É privado de narrativas (no plural) cuja circulação e discussão fomentam, através de sua dialética própria, as verdades e impressões móveis que condicionam o agir humano. No contexto do capitalismo digital, a *internet* acaba por reduzir a interpretação a um cálculo. Nesse cálculo, o sujeito individuado crê que quanto maior o número de variáveis insólitas reunidas sob um mesmo paradigma estabilizador, melhor. O sujeito individuado no digital se sente mais autônomo, responsável e seguro que nunca, sem perceber a violência que isso representa contra si. Afinal, “[...] a violência também é o excesso de positividade que se manifesta como hiperdesempenho, hipercomunicação e hiperestimulação. A violência da positividade leva a dores de sobrecarga. Algógenas são, hoje, sobretudo, aquelas tensões físicas que são características para a sociedade do desempenho neoliberal”. (Han, 2021, p. 57).

Trazendo a discussão para o âmbito da análise de discurso, Orlandi (2017, p. 240) tece a seguinte crítica: “[...] no imaginário social em que o conhecimento está ligado basicamente à tecnologia, o que circula é o imaginário do completo, do estabelecido, do preciso, melhor ainda, do exato. Saturação e imobilidade, na maior parte das vezes, andam juntas. Ecos, memórias feitas de ressonância, prática de repercutir. Aí temos, como dissemos, a imobilidade pelo excesso e não pela falta”.

Reforça-se aqui que o problema vai além de uma comunicação “não comunicativa”. Afinal, a produção transformadora de conhecimento envolve, para além de um aspecto comunicativo ou informacional, “[...] o saber, a experiência, a memória e o real social que demanda certas formas de conhecimento para transformar as condições de existência” (Orlandi, 2017, p. 241-242). Em análise de discurso, linguagem e conhecimento se produzem na heterogeneidade de discursos e de textos, mas também de vivências e de vozes. O sujeito no digital pode se privar dessa heterogeneidade ao se fazer refém “[...] do excesso, do efêmero visível, [da impaciência], do conteudismo (informação) do relacionamento (as selfies, o outrar-se)” (Orlandi, 2017, p. 244). Faz-se refém, portanto, da hiperinclusão (o excesso e o conteudismo), alimentando um imaginário individualista de autonomia e estabilidade total. Imaginário esse que, segundo Hofstadter (1964), cria as condições ideais para a paranoia conspiracionista, ela própria hiperinclusiva, aversa ao diferente e ao inesperado, maniqueísta e, sobretudo, estimuladora da noção de que temos controle e autonomia sobre tudo.

Na próxima seção, veremos como esse imaginário, essas condições de produção e esses discursos no digital se fazem presentes em uma teoria da conspiração. Para tanto, analisaremos o funcionamento discursivo de um vídeo publicado em 2019 sobre incêndios no Brasil, na articulação entre memória, formulação e circulação de tal dizer.

6 ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO

Bernardo Pires Küster é um ensaísta, tradutor e *youtuber* bolsonarista que, inicialmente, ganhou destaque na internet ao criticar a teologia da libertação, corrente teórica do catolicismo de influência marxista. Adotando um viés politicamente conservador e religiosamente ortodoxo, Bernardo se contrapõe ao posicionamento político anticapitalista da teologia da libertação. Atualmente, Bernardo é alvo do inquérito das *fake news* do Supremo Tribunal Federal e já foi condenado pela prática de *fake news* contra a emissora Band (Gentile, 2020) e o teólogo Leonardo Boff (Redação RBA, 2021).

Bernardo também atua como diretor do Brasil Sem Medo, *site* fundado por Olavo de Carvalho, ideólogo de grande influência dentro do movimento bolsonarista. Pouco tempo depois da vitória de Bolsonaro na corrida presidencial de 2018, tanto o *youtuber* quanto o autor Olavo de Carvalho foram recomendados como “excelentes opções de informação” pelas redes verificadas do recém-eleito presidente.

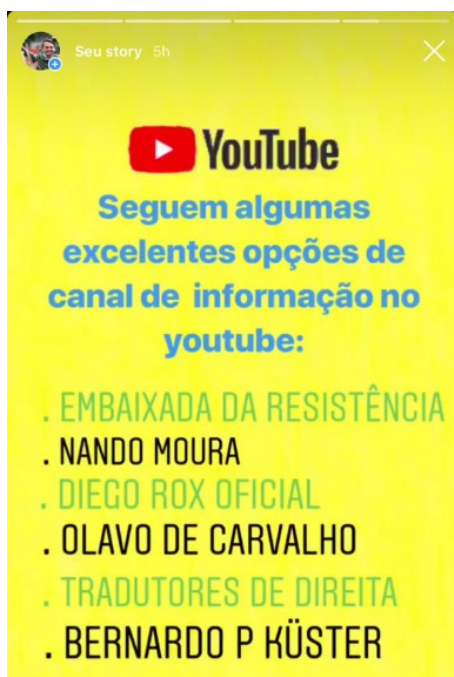


Figura 1: Fontes de informação recomendadas por Jair Bolsonaro

Fonte: Bolsonaro (2018)

A postagem estabelece a condição de produção da desconfiança quanto à imprensa tradicional, tomada como inimiga de esquerda, numa regularidade do discurso bolsonarista. Ao indicar suas fontes de informação preferenciais, o Presidente dá legitimidade aos canais citados, sugerindo que a linha editorial conservadora e cristã é a mais confiável e detentora de crédito, devendo ser apreciada pelo restante da sociedade¹³. Para Charaudeau (2016, p. 18), o poder, “[...] para se exercer, necessita de uma legitimidade que sempre é atribuída de uma autoridade que se constrói para obter crédito e de potência como meio de agir”. Nesse caso, a relação entre o presidente e os *youtubers* é simbiótica: a autoridade presidencial dá legitimidade aos seus apoiadores, que, por sua vez, lhe dão o crédito necessário para se firmar como autoridade, construindo sentidos que justificam estas ou aquelas ações. Dadas essas considerações, analisaremos um vídeo do canal de Bernardo devido à sua relevância como produtor de conteúdo dito alternativo, sua proximidade com a Presidência da República e seu envolvimento comprovado com *fake news*.

Com cerca de novecentas mil inscrições, o canal de Bernardo, apesar de sua ênfase inicial em questões caras ao catolicismo – como o aborto, a CNBB e a teologia da libertação –, também discute vários assuntos relacionados à política, com direcionamento contrário à esquerda e favorável ao bolsonarismo. Além do canal e do *site* de notícias Brasil Sem Medo, o autor captava renda através de um *site* de financiamento coletivo chamado apoia.se, cuja conta foi desativada por desobedecer às regras da plataforma. Entre os cinquenta envios mais acessados do canal está o vídeo *URGENTE – A NOVA ESTRATÉGIA DO PT*.

Com mais de trezentas mil visualizações e cerca de oito mil comentários, a descrição do vídeo aponta o seguinte: “Desde 2016 a esquerda promete: ‘Se Lula for preso, vamos incendiar o Brasil’. Estariam eles cumprindo sua promessa literalmente?” (Bernardo P., 2019). A descrição abre com o termo genérico “esquerda”, que engloba aí uma identidade de grupo, um nós que, apesar de heterogêneo, é tornado homogêneo pelo discurso bolsonarista e por ele vilificado. Esse processo ressoa na pergunta que vem após a frase que Bernardo atribui a essa imagem amorfa projetada: “Se Lula for preso, vamos incendiar o Brasil”. Estariam eles cumprindo sua promessa literalmente?”. “Eles” quem? O PT, especificado no título, e a esquerda, generalizada na descrição, criando uma vaguidade que se resolve no trabalho da ideologia sobre o sujeito, desde que ele “ligue os pontos”. Bernardo ainda pergunta se “incendiar” pode ser tomado como metáfora ou não, se a palavra não representa indício de um crime praticado por uma massa que poderia ser descrita como “oposição de Bolsonaro”.

¹³ Note-se, porém, que parte desses *youtubers*, como é o caso de Nando Moura e Diego Rox, romperam com o bolsonarismo com o argumento de que este traiu a defesa da operação Lava-Jato e, conseqüentemente, o Brasil.

Em termos imagéticos, o vídeo se passa em uma espécie de escritório. Enquadrado em primeiro plano, Bernardo aparece cercado de livros, alguns sobre prateleiras, outros sobre uma cadeira, construindo uma imagem de intelectualidade construída no excesso: há mais livros a serem lidos que espaço para os guardar.



Figura 2: Escritório de Bernardo Küster

Fonte: YouTube (Urgente – A nova estratégia do PT)

Ocasionalmente, a imagem dá lugar a recortes de outros vídeos e de notícias. Mais do que ilustrativa, a dimensão da imagem também tem sua importância para a análise do discurso. Para Souza (2013, p. 292), “[...] analisar a imagem como discurso é buscar entender a textualização do político no âmbito do não-verbal”. Os vídeos e as imagens estáticas são ressignificados quando entram na sequencialização de dizeres que Bernardo faz para dar força ao seu ponto de vista, como veremos adiante.

Note-se que o vídeo foi publicado em fevereiro de 2019, meses antes de surgirem notícias sobre a alta de incêndios na Amazônia e pouco tempo depois do incêndio no CT do Flamengo, causado por um curto-circuito (Lucchese, 2019). Outros incêndios bastante noticiados na época foram o da Usina de Belo Monte e o do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Meses depois, teorias conspiratórias sobre a atuação de ONGs (classificadas como “de esquerda”) surgiriam em redes bolsonaristas. Nelas, as ONGs foram acusadas de causar incêndios na Amazônia, ressoando as acusações e os discursos presentes no vídeo que analisamos. Há, portanto, algumas rupturas e acontecimentos em jogo que puderam suscitar a necessidade delirante de reestabelecer o controle sobre o sentido: os incêndios trágicos e a crescente onda de notícias dando conta dos desmatamentos ilegais e das queimadas na Floresta Amazônica. Além disso, o vídeo também reforça uma identidade de grupo através do conflito entre um “eles” (na projeção subjetiva, o PT e uma esquerda taxados de criminosos) e um “nós” (ainda na projeção subjetiva, as pessoas inteligentes que descobrem ações criminosas dos outros).

O *youtuber* começa declarando que o vídeo “é um dos mais delicados que eu já postei no meu canal” (Bernardo P., 2019), mas que o publicou por seu compromisso com a verdade, apesar do medo de processos ou até de violência. Logo de início, o autor estabelece alguns princípios para a narrativa e sua imagem projetada. Em primeiro lugar, ele pressupõe que o alvo de suas especulações – ou seja, o que toma por esquerda – pode processá-lo por falar verdades ou até matá-lo. A oposição política a Bolsonaro, representada na tensão entre o geral, “esquerda”, e o específico, “PT”, é colocada como maléfica a ponto de silenciar adversários por meio de uma justiça supostamente cooptada ou de cometer assassinatos, remontando a dois traços do estilo paranoico de Hofstadter (1964): a dicotomização extremada entre bem e mal e o elemento contextual da disputa política intensificada pelas rupturas pelas quais o país passou desde o começo da Operação Lava-Jato.

Bernardo também projeta sua imagem como a de possível vítima da esquerda vilificada, colaborando para suscitar a simpatia de seus seguidores, acrescentando à sua imagem o sentido de coragem e destemor. Além de legitimar o que se dirá no vídeo, esse movimento também possui finalidade comercial, pois é por conta desse risco que os seus espectadores devem compartilhar o vídeo,

se inscrever no canal, comprar na sua livraria e na loja parceira “Vista Direita”, cuja propaganda afirma “Aqui, Comunista não tem vez”, especificando novamente a natureza do conflito ideológico em jogo. O espectador é tornado parte ativa do conflito político, pois ele pode assumir o papel de vigia, protegendo Bernardo através da divulgação de sua imagem, de colaborador financeiro, investindo na produção de conteúdo aprovado pelo Presidente, e de colaborador intelectual, deixando comentários referentes ao conteúdo do vídeo. Simultaneamente, há um incentivo à hiperinclusão (Bodei, 2003) e ao hiperdesempenho (Han, 2021), em que o leitor-espectador deve permanecer engajado o tempo todo.

O primeiro momento de hiperinclusão vem momentos após Bernardo lembrar que o PT completou 39 anos de existência em 10 de fevereiro de 2019. Segundo o autor do vídeo, o Partido usou o país como vela para comemorar o seu aniversário, colocando em prática um plano sinistro para retomar o poder de maneira violenta. Para embasar sua teoria, Bernardo reúne frases soltas de diferentes lideranças políticas em sua formulação. Abaixo, incluímos algumas das apresentadas:

“Este país vai ser incendiado por greves, mobilizações, travamentos. Se forem até as últimas consequências nisso, não haverá um dia de paz no Brasil.” – Guilherme Boulos

“Stédile: se prenderem Lula, o Brasil pega fogo” – João Pedro Stédile

“nesse processo fraudado, é incendiar o Brasil” – Lindembergh Farias

“Tentativa de prender Lula tocará fogo no País” – Eduardo Guimarães

Na sequência, Bernardo comenta que o brasileiro tem “memória curta” e que se esquece da quantidade de falas que vão no sentido de “se prenderem Lula, o Brasil pega fogo”. Memória, aqui, é considerada em uma perspectiva algorítmica e numérica: inteligente e sagaz é aquele que se lembra de mais coisas e junta todas elas, ressoando aquele modelo de funcionamento do discurso no digital do capitalismo contemporâneo. Para Bernardo, o que comprovaria de vez a tese de incêndios terroristas seria uma conversa do próprio Lula com Vagner Freitas, presidente da CUT, interceptada pela Polícia Federal.

É isso meu querido... É isso... E hoje eu disse para os SENADORES: Eu não quero incendiar o país! Eu sou a única pessoa que poderia incendiar esse país... E eu não quero fazer como NERO, sabe? Não quero! (Carvalho, 2016)

Há na base da teoria conspiratória um misto de hiperinclusão, literalidade e essencialização do mal. O principal mal na teoria conspiratória é Lula, mas a esquerda como um todo é vilanizada, produzindo a figura de um “[...] agressor indeterminado podendo estar, ao mesmo tempo, em toda parte e em nenhum lugar. Efeito paranoico assegurado, pois nutre a ideia de um complô ou da existência de uma inteligência oculta, grande organizadora da desordem do mundo” (Charaudeau, 2013, p. 248-249). Quando o mal é essencializado, torna-se mais fácil associar acontecimentos díspares e distantes a uma mesma origem, alimentando a paranoia conspiracionista e dando vazão a extremismos e discursos de ódio.

Eco (2021, p. 12) ainda lembra que “[...] ter um inimigo é importante não somente para definir a nossa identidade, mas também para encontrar o obstáculo em relação ao qual medir nosso sistema de valores e mostrar, no confronto, o nosso próprio valor. Portanto, quando o inimigo não existe, é preciso construí-lo”.

Portanto, uma das características do delírio conspiracionista é a produção de vilões imaginários que servem para explicar as origens da ruptura e criar adesão em torno de uma mesma causa – a saber, o combate a esse mal absoluto, que, por ser absoluto, deve ser combatido de maneira intransigente.

A hiperinclusão conspiracionista nega ainda a possibilidade de metáfora no sentido de expressões como “incendiar o país” e “o Brasil vai pegar fogo”. Não obstante a falta de contexto de muitas dessas falas, a ilusão de literalidade se constrói aqui no excesso e no funcionamento de uma ideologia que se contrapõe radicalmente à esquerda. Sabe-se que o falante “[...] não opera com a literalidade como algo fixo e irredutível, uma vez que não há um sentido único e prévio, mas um sentido instituído historicamente” (Orlandi, 2013, p. 52), mas, no delírio provocado pelas teorias da conspiração, há um esforço na direção da imovência, da fixidez e da irredutibilidade de uma interpretação que, individuada, se imagina livre de qualquer alteridade.

A hiperinclusão se manifesta através de ressonâncias discursivas – ou seja, de modos de enunciar recorrentes no discurso (tais como a presença de enunciações com determinação ou indeterminação de agente de ações, processos ou estados expressos pelos verbos; [...] etc.) (Serrani, 2002). Tanto sua base (as diferentes frases que usam verbos como incendiar, botar fogo, queimar) quanto sua conclusão se constroem por meio de repetições do mesmo (sentido) no diferente (referências). Após elencar tantas frases envolvendo “incêndio” de políticos de esquerda, Bernardo começa a citar casos de incêndio da época. Começando por Belo Monte, Bernardo ressoa o conjuntivo “também” para juntar os acontecimentos, produzindo um efeito de relação entre eles. Ocasionalmente, a exposição dos diferentes casos de incêndio é entremeada por um recorte da gravação de Lula dizendo ser “a única pessoa que poderia incendiar o país”.

[...] nem só a usina de Belo monte que pegou fogo. O presídio Madre Pelletier também pegou fogo, deixando praticamente nove detentas feridas. Uma refinaria no Espírito Santo também pegou fogo. Uma loja em Goiânia também pegou fogo. Uma Santa Casa em Campo Grande, no Mato Grosso, também pegou fogo. Uma barraca de alambique em Ourinhos também pegou fogo. O Plano Inclinado Gonçalves, em Salvador, também pegou fogo. (Bernardo P., 2019)

Esse funcionamento distingue as teorias da conspiração das ditas *fake news* ou dos boatos. Diferente de *fake news* (Pereira, 2020) e boatos (Pereira, 2016), teorias conspiratórias nem sempre precisam enunciar uma falsidade, algo completamente inventado. Elas podem ser construídas com notícias factuais conectadas por um mesmo delírio conspiracionista, saturando os sentidos e apagando qualquer interpretação divergente. Há ainda, na conspiração, a presunção de um inimigo oculto e superpoderoso responsável por cada acontecimento trágico citado na narrativa. Caberia ao leitor, portanto, projetar a imagem desse inimigo, buscando nos sentidos ao seu redor os indícios de sua ação criminoso.

Bernardo finaliza o vídeo fazendo perguntas. “Será que eles estão causando tudo isso? Realmente, eu não tenho como provar que foram eles. Mas dadas as circunstâncias atuais, eu não posso, não posso mesmo achar que tudo isso é apenas uma coincidência” (Bernardo P., 2019). A paranoia conspiracionista não tem um ponto final. Abre-se para novas possibilidades e permite a conexão hiperinclusiva de novos acontecimentos e sentidos, como os que surgem tempos depois relacionados à Amazônia. No delírio conspiracionista, não há provas, mas convicções forjadas em um excesso que, nas condições de produção do discurso digital neoliberal, se propõe evidência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos neste artigo que teorias da conspiração podem ser vistas como manifestação de certo estilo paranoico de fazer política. Elaborada pelo historiador estadunidense Richard Hofstadter em 1964, esta definição é útil para discutir teorias da conspiração, mas certamente não é a única ou até a mais adequada. Porém, ela foi apropriada para trazermos o debate sobre os efeitos do delírio, da hiperinclusão e da *internet* nos discursos conspiracionistas.

Delírio, hiperinclusão e imovência estão juntos. Orlandi (2013) nos lembra que os fatos precisam ser significados de alguma forma e que, enquanto sujeitos, estamos condenados a interpretar. No mundo saturado de informações contraditórias da *internet*, tudo precisa fazer sentido e ser interpretado o tempo todo, acarretando danos à saúde mental e à saúde emocional do sujeito – diante da diversidade infinita, o sentido saturado é mais atraente ao sujeito pragmático que o caos informacional. Isso acarreta, como vimos na introdução e ao longo deste trabalho, danos também à saúde da democracia ao motivar interpretações de mundo maniqueístas e intransigências que motivam segregação, reações violentas a dados acontecimentos e letargia perante deveres como a vacinação.

Não queremos parecer paranoicos nós mesmos com a *internet*. Ela é e continua sendo um excelente meio de popularizar e democratizar ciência, conhecimentos, entretenimento, comunicação, dentre tantas outras coisas. Em todo caso, faz-se necessário continuar avaliando e estudando seus efeitos negativos para desenvolver políticas públicas e educacionais adequadas para elas. Talvez isso passe por lembrar, nas Ciências Humanas e na sociedade em geral, que a incompletude – o oposto do delírio hiperinclusivo, em que todo sentido aparece como completo – tem sua importância. Lembrar, enfim, que a incompletude, “não é uma falta, ela é uma necessidade” (Orlandi, 2017, p. 259).

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez.,1990.
- BODEI, R. *As lógicas do delírio*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BOLSONARO, J. *Seguem algumas opções de excelentes canais de informação no youtube!* 12 nov. 2018. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896>. Acesso em: 13 nov. 2023.
- BROTHERTON, R. *Suspicious Minds: Why we believe in conspiracy theories*. Londres: Bloomsbury, 2015.
- CALIL, G. G. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. *Serviço Social & Sociedade*, n. 140, p. 30-47, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/>. Acesso em: 24 set. 2021.
- COMPACT. [Site Institucional]. Disponível em: <https://conspiracytheories.eu/>. Acesso em: 24 set. 2021.
- CARVALHO, C. 'Sou a única pessoa que poderia incendiar esse país', disse Lula a sindicalista. *O Globo*, 17 mar. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/sou-unica-pessoa-que-poderia-incendiar-esse-pais-disse-lula-sindicalista-18896778>. Acesso em: 24 set. 2021.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARAUDEAU, P. *A conquista da opinião pública*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CUNHA, A. R. Como Bolsonaro usa teorias da conspiração ao acusar ONGs por queimadas na Amazônia. *Aos Fatos*, 22 ago. 2019. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/como-bolsonaro-usa-teorias-da-conspiracao-ao-acusar-ongs-por-queimadas-na-amazonia/>. Acesso em: 24 set. 2021.
- DA EMPOLI, G. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- DUNKER, C. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, C. *Ética e Pós-Verdade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017, p. 9-41.
- ECO, U. *Construir o inimigo*. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- FENSTER, M. *Conspiracy Theories: Secrecy and Power in American Culture*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2008.
- FREUD, S. O delírio e os sonhos na Gradiva. In: FREUD, S. *O delírio e os sonhos na Gradiva*: análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos [1906-1909]. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 13-122.
- GENTILE, R. Youtuber bolsonarista é condenado por fake news contra a Band. *Uol*, 7 set. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/rogerio-gentile/2020/09/07/youtuber-bolsonarista-e-condenado-por-fake-news-contr-a-band.htm>. Acesso em: 24 set. 2021.
- HAN, B.-C. *No enxame*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- HAN, B.-C. *A sociedade paliativa*. Petrópolis: Vozes, 2021.

HOFSTADTER, R. The Paranoid Style in American Politics. *Harper's Magazine*, Nova Iorque, 1964. Disponível em: <https://harpers.org/archive/1964/11/the-paranoid-style-in-american-politics/>. Acesso em: 25 set. 2021.

LERNER, B.; PARDO, M. L. El discurso psicótico: una visión multidisciplinaria desde la lingüística y la psiquiatría. *Revista Signos*, Valparaíso, n. 34, p. 139-147, jan. 2001. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-09342001004900010&lng=es&nrm=iso&tlng=es. Acesso em: 20 set. 2021.

LUCCHESI, B. Incêndio no CT do Flamengo começou no ar-condicionado e se alastrou devido a material do contêiner, aponta laudo. *G1*, 08 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/08/incendio-no-ct-do-flamengo-comecou-em-curto-no-ar-condicionado-e-se-alastrou-devido-a-material-do-container-aponta-laudo.ghtml>. Acesso em: 24 set. 2021.

MADEIRO, C. Movimento antivacina avança na web: por que ele é ameaça à saúde pública. *VivaBem*, 29 out. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/10/29/movimento-antivacina-avanca-online-por-que-ele-e-ameaca-a-saude-publica.htm>. Acesso em: 24 set. 2021.

MARS, A. História da conspiração que levou ao assalto do Capitólio. Assim funciona o QAnon. *El País*, 13 fev. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-02-13/historia-da-conspiracao-que-levou-ao-assalto-do-capitolio-assim-funciona-o-qanon.html>. Acesso em: 24 set. 2021.

MOROZOV, E. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2013.

ORLANDI, E. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. São Paulo: Pontes, 2012a.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2012b.

ORLANDI, E. *Eu, Tu, Ele: Discurso e real da história*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2015 [1983].

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora Unicamp, 1997 [1969], p. 61-161.

PEREIRA, I. V. *Análise Discursiva do Funcionamento do Boato: Um Gênero (Im)Possível?*. 81f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2016.

PEREIRA, I. V.. Fake News como ferramentas de (des)construção da imagem dos sujeitos. *Revista Dissol - Discurso, Sociedade e Linguagem*, n. 12, p. 41-50, dez. 2020.

REDAÇÃO RBA. Bolsonaro é condenado a indenizar Leonardo Boff em R\$ 110 mil por fake news. *Rede Brasil Atual*, 06 ago. 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/08/bolsonarista-e-condenado-a-indenizar-leonardo-boff-em-r-110-mil-por-fake-news/>. Acesso em: 24 set. 2021.

ROUDINESCO, Ê.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SERRANI, S. Relação leitura-escrita e sensibilização ao discurso. *Revista Anpoll*, Florianópolis, n. 12, p. 273-294, jan./jun. 2002.

SIEBERT, S.; PEREIRA, I. V. A pós-verdade como acontecimento discursivo. *Linguagem em (Dis)Curso*, Tubarão, v. 20, n. 2, p. 239-249, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/vykt83t8h8874glT7ys46sy/?lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2021.

SOUZA, T. C. C. Gestos de interpretação e olhar(es) nas fotos de Curt Numiendajú: índios no Brasil. *Revista FSA*, Teresina, v. 10, n. 2, p. 287-301, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/144/93>. Acesso em: 25 set. 2021.

SUNSTEIN, C. *Conspiracy theories & other dangerous ideas*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2004.

URGENTE – A NOVA ESTRATÉGIA DO PT, 2019. 1 vídeo (12min). Publicado pelo canal Bernardo P Küster. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5-3TwPZi9yI&t=499s>. Acesso em: 13 nov. 2023.



Recebido em 02/12/2021. Aceito em 05/07/2022.